

15042 - Uso do mapa de recursos naturais como ferramenta de compreensão da complexidade de comunidades ribeirinhas amazônicas: o caso da vila Caicubí, RR

The natural resource map as a tool for understanding the complexity of Amazonian riverside communities: the case of village Caicubi, RR

MARQUES-DE-SOUZA, Juliane¹; COSTA-ALVES Thiago José¹; RIZZATTI, Ivanise Maria¹, M.; MELO, Thiago do Nascimento¹

Universidade Estadual de Roraima; Laboratório de Turismo Ecologia e Meio Ambiente.
Juliane.marques.souza@gmail.com thiago.uerr@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo tratar as potencialidades e vulnerabilidades da ferramenta participativa de Mapa de Recursos Naturais em comunidades amazônicas. Entende-se que a compreensão do espaço pelos olhos dos moradores e suas estratégias de sobrevivência configura-se como um processo chave na construção do conhecimento ambiental. Este estudo foi desenvolvido na comunidade ribeirinha de Caicubí, extremo sul de Roraima e verificou que, dentre as maiores potencialidades de uso da ferramenta encontra-se a visualização da área de uso direto e indireto da comunidade. Dentre as maiores limitações encontra-se a necessidade de se construir previamente a relação de confiança com a comunidade, o que nem sempre é possível quando o acesso à localidade é difícil, como no caso da comunidade em estudo.

Palavras-chave: Mapa de recursos naturais, comunidades ribeirinhas, Amazônia, Roraima.

Abstract: This paper aims to study the strengths and vulnerabilities of the map of natural resources made by Amazon communities. It is understood that the understanding of space through the eyes of residents and their strategies to survive appear as a key process in the construction of environmental knowledge. This study was developed in the riverside community of Caicubi, extreme south of Roraima and was found that among the greatest potential for use of the tool is to visualize the area of direct and indirect use of the community. Among the major limitations is the need to build the trust prior to the community, which is not always possible when the location is difficult to access, as in the case of the community under study.

Keywords: Map of natural resources, riversides communities, Amazon, Roraima.

Introdução

Entender a vida pelos olhos de populações ribeirinhas e suas estratégias de sobrevivência configura-se como um processo chave na construção do conhecimento sobre populações amazônicas. No entanto, o modo como isso tem sido feito, geralmente a partir de técnicas reducionistas que por vezes tomam caminhos cientificamente aceitos, acaba admitindo inconsistências epistemológicas graves por tratar o ambiente como algo que pode ser dissociado dos mais diversos fenômenos e estudados separadamente de suas dinâmicas auto-poiéticas (MORIN, 2005; MATUREANA & VARELA, 2005). Este artigo, que é construído a partir do paradigma da complexidade sistêmica (MORIN, 2005), entende como conhecimento científico, o caminho estruturado por processos de validação do conhecimento que tem como objetivo a interpretação da vida, da organização (parte e todo), das suas interações (ordem e desordem) e, por sua vez, do real.

Nessa perspectiva, o presente estudo tem como objetivo avaliar as limitações e as potencialidades do uso do mapa dos recursos naturais, como ferramenta participativa, de compreensão do real, considerando as múltiplas relações inerentes ao modo de vida das comunidades ribeirinhas amazônicas. Assim, os dados apresentados são resultados obtidos a partir da aplicação desta ferramenta na comunidade da vila de Caicubí, Caracaraí, Roraima, Brasil. Este artigo é parte integrante do projeto “Diagnóstico Situacional e Estratégias de desenvolvimento rural sustentável de pescadores do baixo rio Branco, RR” (CNPq n. 564343/2010-2).

Referencial Teórico

As organizações autopoieticas, as quais se considera, a partir da *poiesis*, as conjugações (MATURANA e VARELA, 2005) que vivem nas beiras dos rios da Amazônia roraimense, possuem particularidades que devem ser analisadas principalmente no que se refere às estratégias de sobrevivência que assumem ao longo do tempo. Nestas comunidades, o uso da terra e dos recursos estão imersos em seu cotidiano e revelam-se por meio do saber-fazer das práticas extrativistas, nos mitos e nas crenças locais, por exemplo. Esse saber-fazer associado a complexas estratégias de uso dos recursos, desenvolvidas por décadas, por comunidades amazônicas, tornam o ambiente uma rica e ao mesmo tempo frágil base de subsistência (LEME e BEGOSSI, 2004; DIEGUES et al,1999, p.19).

Percebe-se que, provavelmente, um dos mecanismos associados à manutenção do estilo de vida dessas comunidades é justamente a grande área utilizada como fonte de recursos. Quando se analisa a relação da comunidade tradicional com a natureza é importante considerar sua relação com o território que, de acordo com o autor, pode ser definido como uma parte da natureza e do espaço sobre o qual comunitários reivindicam e garantem, senão a todos, à boa parte de seus membros, direitos estáveis de acesso, controle e/ou uso do recurso disponível. Diegues (1999, p.19) segue afirmando que esta porção da natureza fornece a subsistência, os meios de trabalho e os meios de produção dos aspectos materiais das relações sociais (relações de parentesco). Ainda, as relações econômicas dentro dos grupos é, normalmente, baseada em solidariedade e cumplicidade (NODA, NODA e MARTINS, 2006).

Estas relações, geralmente invisíveis para populações urbanas, devem ser consideradas relevantes na compreensão do espaço utilizado pelas comunidades, assim como em sua organização produtiva, vindo a contribuir com o processo de elaboração de políticas públicas adequadas a cada realidade. Para Leme e Begossi (2004) a continuidade das estratégias adotadas pelas comunidades é frequentemente pressionada pelo mercado, por alguns programas de desenvolvimento, dentre outros fatores. Isso porque na formulação de políticas públicas que priorizam o produtivismo, como aquelas pensadas para a pesca, por exemplo, são desconsideradas as múltiplas dimensões da vida do pescador, o que acaba tornando a abordagem holística e sistêmica impossível (COTRIM, 2008).

Material e método

A comunidade tem uma população de aproximadamente 500 habitantes. As principais fontes de renda são a extração da castanha, o turismo de pesca esportiva

e a pesca artesanal de peixes ornamentais. Há ainda outras atividades como agricultura, artesanato, pesca de peixe e caça para alimentação, todas com fins de subsistência. As atividades variam entre os períodos de cheia, de seca do rio e o período de defeso. Devido a isso, muitos exercem diversas atividades.

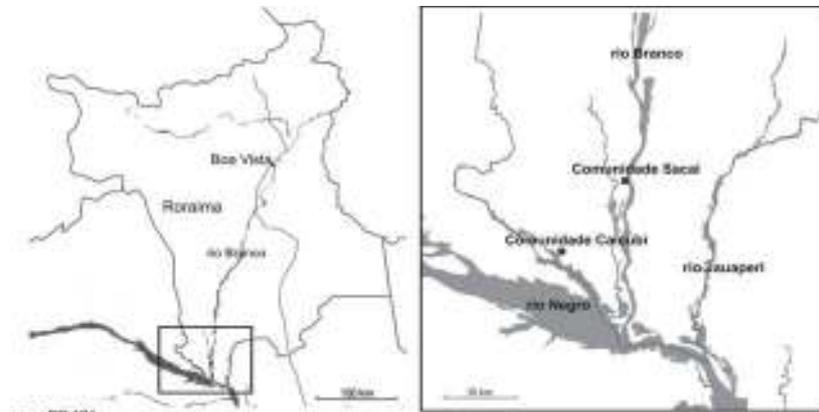


Figura 1- Mapa de localização da vila Caicubí. À esquerda mapa do estado de Roraima, extremo norte do Brasil e, à direita, região do baixo rio Branco em destaque.

O mapa de recursos naturais permite a visualização da comunidade pelo espaço que a mesma ocupa e, por tratar-se de uma ferramenta participativa, permite a construção de uma concepção coletiva desse espaço. Tendo em vista assegurar uma boa representatividade da comunidade, a aplicação da ferramenta foi organizada em três etapas: i) convite para a reunião; ii) reunião para a apresentação da ferramenta e do projeto e iii) aplicação da ferramenta.

Resultados e Discussão

Na época em que ocorreu a expedição de pesquisa (inverno), o rio Jufaris e o igarapé Caicubí estavam cheios, impedindo que seus limites pudessem ser visualizados claramente. No entanto, o mapa desenvolvido pela comunidade representou a região em época de vazante, destacando ilhas, lagos e a posição correta de cada igarapé. Por meio de visita aos pontos indicados no mapa, verificou-se que a comunidade tem claramente definido o espaço que ocupa, mesmo as distâncias sendo na escala de quilômetros, uma vez que todos guardam certa fidelidade com o mapa desenhado (FIGURA 2). O georreferenciamento de algumas áreas permitiu verificar que a percepção do espaço desenvolvida naturalmente pela comunidade, favorecida pelo modo de vida dos diferentes grupos sociais que ocupam Caicubi, vai muito além do que se pode compreender por meio de métodos e técnicas convencionais de pesquisa e coleta de dados.

Foram identificados no mapa o local das roças (visto que muitos moradores de Caicubí dedicam-se exclusivamente à agricultura de subsistência) e sua relação com o período de cheia. Verificou-se que essas roças são formadas por culturas tradicionais adaptáveis (mandioca, milho, banana) que são comuns na região, as quais são plantadas e colhidas respeitando os pontos de inundação da roça.



Figura 2- Mapa *emic* de recursos naturais elaborado pela comunidade da vila Caicubí.

Verificou-se ainda que a água consumida pela população provém de um poço artesiano e que esta água é canalizada até as residências onde ficam armazenadas, na maioria das vezes, de forma incorreta em baldes, panelas e tambores destampados. O mapa mostra claramente que a comunidade não possui saneamento básico e o lixo gerado é descartado em valas que são cavadas no fundo das residências ou, então, queimados a céu aberto. A identificação desses locais mencionados permitiu a localização para coletas de amostras de água e solos. Assim, comparando-se os resultados das análises dessas amostras com o mapa é possível compreender claramente qual o ponto de fragilidade relativo, a exemplo da presença de coliformes fecais na água para consumo e/ou as diferenças de fertilidade do solo nas roças.

No que se refere às áreas de lazer indicadas pela comunidade pode-se notar a sobreposição do uso do recurso com pelo menos três outras atividades, quais sejam, o turismo de pesca esportiva; a pesca para alimentação e a pesca ornamental. Os locais de pesca, de caça, de extrativismo vegetal identificados no mapa e posteriormente visitados permitiram aos pesquisadores uma compreensão fiel, relativa à área de uso direto e à área de uso indireto da comunidade. Esta última que chega a atingir milhares de hectares é visivelmente fundamental para a reprodução dos modos de vida das famílias de Caicubí. Estudos e políticas públicas que desconhecem e/ou desconsideram esse espaço estão fadados à uma interpretação maquiada da realidade, bem como à proposição de projetos de desenvolvimento descontextualizados e, por isso, inexecutáveis.

Por fim, é interessante destacar que essa ferramenta é capaz de fornecer elementos para compreensão da geração de saberes dessas comunidades, nos dois sentidos da palavra. Um, por permitir a visualização de quais são as gerações detentoras desse saber e, dois, por identificar a transmissão desse saber entre gerações.

No que se refere às limitações da ferramenta em comunidades amazônicas pode-se destacar quatro aspectos. Primeiro, o difícil acesso à comunidade e a necessidade de um contato prévio para construção de uma relação de confiança, uma vez que a ferramenta exige que os participantes confidenciem aos pesquisadores o seu

conhecimento sobre a área. Assim, caso a equipe de pesquisadores não consiga superar este obstáculo, logo de início, a tendência é que a ferramenta não contemple todos os elementos previstos para o diagnóstico. Segundo, a necessidade de tempo para a confecção do mapa, o qual varia de acordo com o grau de detalhamento que se pretende no diagnóstico. Ademais, quando o pesquisador opta por realizar a validação *in loco* das áreas desenhadas, a variável tempo pode tornar-se ainda mais decisiva, uma vez que na perspectiva do uso da ferramenta em comunidades amazônicas algumas distâncias apontadas no mapa podem referir-se a horas ou dias de deslocamento. Terceiro, o pesquisador deve atentar-se ao fato de que uma oficina muito longa tende a perder em participação, bem como a negligenciar informações relevantes ao estudo e, quarto, pelo fato da ferramenta indicar alguns pontos estratégicos para consolidação da vida na comunidade, exige-se um cuidado por parte dos pesquisadores no que se refere à publicação do mapa e a presença de elementos indicativos desses locais.

Considerações Finais

É possível verificar, por meio dos elementos apresentados nesse texto, que a ferramenta participativa de construção do mapa de recursos naturais é uma excelente estratégia de compreensão do espaço, pois considera a visão das comunidades como a mais fiel fonte de informação da ocupação e uso desse espaço. As informações fornecidas têm extrema relevância quando se considera o planejamento de estratégias para manejo, conservação dos recursos naturais e desenvolvimento rural. Além disso, a frequência com que o conhecimento sobre um assunto é mencionado revela sua importância nas práticas econômicas e culturais da comunidade. Especificamente, no que se refere à aplicação da ferramenta na comunidade de Caicubí, percebe-se que a mesma tem plena noção do espaço onde o grupo social se reproduz ambientalmente.

Referencias bibliográficas

- COTRIM, D. S. **Agroecologia, sustentabilidade e os pescadores artesanais: O caso de Tramandaí – RS**. Porto Alegre, 2008. 198 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- DIEGUES, A. C. S.; Arruda, R. S. V.; Silva, V. C. F. da; Figols, F. A. B.; Andrade, D. **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil**. NUPAUB – USP: 1999, 221 p.
- LEME, A.; & BEGOSSI, A. O uso de recursos por ribeirinhos no médio rio Negro. In: BEGOSSI, A. (Org.) **Ecologia de pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia**. São Paulo: Hucitec/Nepam/ Unicamp, 2004, p:89 -148.
- MATURANA, H.R. & VARELA, F.J – **A Árvore do Conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. Tradução; Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo, Pala Athenas, 2005.
- MORIN, E. **Ciência com consciência**. Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice de Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.
- NODA, S. N.; NODA, H.; MARTINS, A. L. U. Agricultura Familiar na Várzea Amazônica: Espaço de conservação da Diversidade Cultural e Ambiental. In: Elenise Scherer e José Aldemir de Oliveira. (Org.). **Amazônia: Políticas Públicas e Diversidade Cultural**. 1ed. Rio de Janeiro: Garamond. 2006. p. 163-194.